

Passageiros — Chegaram da linha do Rio Pardo, no vapor "Taquary" o do corrente:

Majoor Manoel Lopes da Silva.
Prudente José Domingues,
Augusto Falkenberg,
Pedro Weier,
Eduardo Miller,
Carlos Bessin,
Bernardo Stein,
Martins Burzheit,
Pedro Figueira,
Eduardo Toppert,
Joaquim Antonio Itabellio,
Antonio Joaquim Pires,
José Antonio de Azevedo Martins,
Tenente-coronel Manoel A. de Oliveira,
José de Oliveira, sua Sra., e 1 escravo.

A PEDIDO.

Illm. Sr. Redactor.

Apesar da vivez que me enluta, da desesperação que me acubrunha, não posso deixar passar em silencio uma publicação feita em favor do assassino de meu marido, o desventurado major José Appolinario de Moraes, e cuja publicação é assignada por um Sr. Carlos de Koseritz, a quem não conheço.

Julgo que se deixaria de cumprir um dever sagrado se não contestasse tal publicação, e a deixasse correr livremente, quando a memoria de meu marido é ali e por um modo descommunal completamente infamada.

No meio de minhas lagrimas e de meu desespero, tenho a precisa forza para defender aquelle que foi cidadão o modelo, esposo dedicado e honrado pai de familia.

E somente o que venho fazer, e por isso deixo delado a defeza de accusação feita a meu pai o Sr. Antonio Joaquim da Cruz, não só porque elle sabera dar a resposta que convém a tais injurias, como porque me não devo afastar do objecto que me preoccupa.

Enquanto essa publicação intenta desfazer na honradez de um pai e filho do marido, eleva pelo contrario o allumão Zeweibrucker e o faz digno de estima e seus contreraneos.

E falsa tanto uma como outra asseveração.

As qualidades de meu marido eram por todos apreciadas, e para sua gloria, como para o consolo dos que o perderam, basta dizer que elle não deixou um só mimigo!

Acontecerá o mesmo á Antonio Zeweibrucker? Pelo contrario, em vez de ser estimado, Antonio por suas qualidades pouco recommendadas é geralmente aborrecido. E' mesmo uma injuria que se faz aos habitantes do Triumpho dizer-se que Antonio era estimado. Não os habitantes d'este antigo municipio sabem bem distinguir o bom do máu, o deshesto do honesto.

E' uma injuria flagrante e um attentado o querer-se equiparar Antonio com meu pai Antonio Joaquim da Cruz e meu marido José Appolinario. Nunca se podia estabelecer comparação, só a odiosidade ou a ignorancia e desejo de equiparar bons e maus, podiam fazer estabelecer-se equipolencia entre um e outro!

Nunca meu marido ou meu pai podiam ser inimigos do Zeweibrucker; fizeram-lhe pelo contrario favores, e hoje meu pai só pôde ter por elle compaixão, considerando-o como um pai de familia.

Meus pais não perseguiu Zeweibrucker por elles perseguido. Nenhuma perseguição soffreu e a leão de que se falla n'essa publicação, é um novo romance para enganar compaixão.

Se houve lesão, essa recebeu inteiramente em meu finado marido, que parecia antes enfeitado do que filho de seus pais — pelo modo por que o pre-judicaram os co-herdeiros.

Narrarei aqui todos os acontecimentos que precederam ao lamentavel facto do assassinato de meu marido, e então conhecereá o publico quem foi o lesado, e se é verdadeira a exposição feita em favor do assassino.

Tocaram aos herdeiros da familia de meu marido a fazenda do Maratá e suas propriedades, bem como «loze escravos que morreram em poder de todos os herdeiros, excepto de meu marido.» Desmancharam o engenho de canna, e o tenente-coronel Appolinario vendeu o que havia de melhora e de mais valor, repartindo-se o resto entre os outros. Annos depois, Dionisio, Appollo e Antonio desmancharam a atfama e repartiram entre os tres, ficando a casa, que estava em ruínas, habitada pela mãe dos herdeiros, a qual se achava vivendo a favor de meu marido e não como dona

das propriedades, como quem querem fazer persuadir.

Ha dez mezes falleceu essa senhora, ficando a casa abandonada d'ahi em diante, e o estava ainda até o ultimo momento. Pouco antes do confito, a mulher de Antonio pediu a seu irmão de declarar-lhe que ia para essa casa affim de vender as laranjas do pomar, o que elle mandou e voltara á tarde; nunca esteve habitando em tal casa, quem disser o contrario, mente!

Basta vê-se a casa, que felizmente é concedida por muita gente d'esta capital, para ficar-se convencido de que era impossível morar-se nella. Antonio foi para allisonmente esperar meu marido, quando soube de sua deliberação, e para o effeito de perpetrar o crime, e que sendo provar perante o jury e se convence desde que se sabe que a casa era inhabitada e que Antonio nada tinha lá que fazer.

Tanto mais se evidencia a inexactidão de que Antonio não morando na alludada casa em ruínas, foi para alli somente para o fim de perpetrar o crime, quando de certo dez dias antes disse em casa de João Bernardes e em presença de Bento Barreto que havia de assassinar o fallecido!

Meu marido, sendo senhor do terreno que estava a desam, e precisando d'el-le, determino com-machar a mesma casa, tirando cada herdeiro a telha que lhe tocasse e que era a unica coisa aproveitavel.

Para realisar sua deliberação, convidei meus cunhados irmãos e mais duas testemunhas, sendo uma de mais dadas a lenha, affim de que a todo o tempo se podesse provar que a casa estava em ruínas. Assum juntos e sem outra intenção má do que essa, dirigiram-se para o logar e ali encontraram já Antonio, sua mulher, filha etc., se mandou-se o confito tal qual foi narrado por meu pai, e se achou corroborado pelo depoimento das testemunhas que juraram no processo.

Eis ali tudo o que se passou e não temo ser desmentido por pessoa alguma, moradora do logar e que tenha com elle meios dos factos.

Vejamos agora as outras variações de que se serve autor da publicação para attenuar o crime de seu defnido.

Diz-se na publicação que Antonio lamenta a morte de sua victima.

E' a irritação sobre o ultrage!

Pôde lamentar a morte, quem a tinha jurado attuar?

Pôde lamentar a victima, quem se utiliza morando de uma laranja, e carregado uma arma com balas e cordões?

Felizmente além d'estas provas da intenção criminosa de Antonio, existio ainda testemunhas que ouviram de clara que o que sentia é que elle não tivesse morrido no mesmo instante! E a sua mulher, digna consorte por certo, virava-a com horror arrojado procurando fizes para festejar a morte de seu irmão e comprarranjas de cores vivas para vestir no dia do enterro!

Querem mais bella d'amentação, mas profundo sentimento?

Nega a publicação a existência da laranja, mas é essa negativa igual ás outras. Felizmente essa arma a ha-se em casa do subdelegado do districto para servir de prova do delicto. Nega agora o defensor de Antonio a sua existência no logar do confito!

Meus exacto é ainda que meu marido ou algum outro de seus compaheiros varasse um dos alhos de Antonio. E' um outro romance igual ao das perseguições, das leões e das santidades!

Meu marido não l'vou arna alguma e por arna alguma podia puxar, que fosse pontão em Antonio. Este, como é bido por todos, tem uma vista vasa, isto desde que veio da Alemanha para o B a il; por conseguinte não foi arna que soffreu esse mal, salvo se o autor da publicação pretende que elle esteja completamente e rego!

Como esse da vista não os outros ferimentos de que falla a publicação.

Apenas se der um leve contusão, provenientes da luta, talvez agravadas de proposito para attenuar o crime de morte que praticou Antonio. Na ocasião em que pretendem a assassino, agarravam-se com elle os que effectivamente a prisão erolavam no chão juntamente com a mulher de Antonio a filha, que procuravam dar-lhe escapa.

D'ah resultaram essas contússões, e não porque os compaheiros de meu infelido marido atfrazeram com armas; apenas Dionisio puchou por um facão para defender-se do assassino caso de querer elle ferir-lo, pois andava ainda com a espigarda na mão.

A prova mais exuberante de que nem

Antonio nem sua mulher, nem a morte foram feridos, brevidades, como diz o seu defensor, é que o auto de sanção declarando levas as contússões de Antonio e elle perfeitamente bom, que sua mulher não deixou de passar por toda parte e que a moça — *abrida de um braço*, como diz Sr. Koseritz, foi vista por todos dos pontos em habitar em S. João, e certo se deu largamente e não deixou de passar por toda parte!

Dize mais na publicação que Antonio atfraz e em seu cunhado para levar sua mulher que estava sendo maltratada!

Nova irritação e novo escarneo!

Na ocasião em que o assassino disparou a arma, sua mulher estava em luta com Dionisio e Appollo, e não com o meu marido, que estava aparte com outra pessoa.

Antonio gritava áquelle que deixava sua mulher, mas atfrazem sobre meu marido.

E' porque meu marido estava maltratando a mulher, que lhe fez Antonio fogo?

E' magnifica esta coarctada!

Para e um granejo a publicação do defensor de Antonio!

Largos, tomamos, — feras a tudo foi encurralado por meu marido e seus compaheiros e Antonio apenas se limitava a fuzillar a armas!!!

Parece melvil, que se queira assinalar da honra sobralho o!

Bizem agora d'os homens impoerioses se Antonio Zeweibrucker — prcedu como deveu, se apenas fructo-se a cumprir a seu dever!

Bizem a vista do que tenho exposto se fallou de defesa que elle assassinou o meu marido.

Digam se pod'a haver fãio boas intenções em quem, comprando as balas com que estava carregada a arma, d'um objecto que lhes pretendia dar, e que deu, e apenas avistado meu marido perguntava á sua mulher se devia atfrazer l'go!

D'leudo como quizem o causador do meu infortuno, mas puzem ao menos a verdade não escandalisem o homem sensu publico!

Defendam, mas não queiram encharfurar na d'flammar pessoas que por sua posição, por seus creditos, estão acima de invejas e de s'comparações com um homem perdido!

Sobre tudo não queiram chamar a comparação pelo d'oda pobresa de Antonio Zeweibrucker. Elle não é pobre, tem dinheiro bastante para pagar a quem o defende e não precisa da beneficencia de seus compaheiros!

Finalmente na publicação a que respondo atfrazem-se o testemunho do tenente-coronel Appolinario em favor do que se allega.

S'entender de pronunciar-me n'este sentido, mas devo frê-lo em honrada memoria de meu marido.

Pelo que disse meu marido antes de morrer, éo tenente-coronel Appolinario o menos competente para dar testemunho em favor de Antonio. Meu marido ficou diante de muitas testemunhas, que o Sr. Appolinario era o causador voluntario ou involuntario da sua morte.

As desintelligencias que existiam entre os dois eram bastante conhecidas, para poder explicar esta imputação.

Estou certo de que o Sr. tenente-coronel Appolinario não previa a até lamentar muito a triste consequencia que se deu n'esse cabalhe por certo alguma responsabilidade pelo facto que tomou no adiosid de que fez fãio fãio explosão.

Tenho respondido convenientemente á publicação feita contra meu marido, nem mais uma palavra direi pela imprensa, mesmo porque não é só o publico, mas especialmente o jury quem tem de julgar. Para ali me aguardo.

Porto Alegre 28 de Julho de 1869.

Scrivina Antonia da Cruz Moraes.
N. 122.

Antonio nem sua mulher, nem a morte foram feridos, brevidades, como diz o seu defensor, é que o auto de sanção declarando levas as contússões de Antonio e elle perfeitamente bom, que sua mulher não deixou de passar por toda parte e que a moça — *abrida de um braço*, como diz Sr. Koseritz, foi vista por todos dos pontos em habitar em S. João, e certo se deu largamente e não deixou de passar por toda parte!

Dize mais na publicação que Antonio atfraz e em seu cunhado para levar sua mulher que estava sendo maltratada!

Nova irritação e novo escarneo!

Na ocasião em que o assassino disparou a arma, sua mulher estava em luta com Dionisio e Appollo, e não com o meu marido, que estava aparte com outra pessoa.

Antonio gritava áquelle que deixava sua mulher, mas atfrazem sobre meu marido.

E' porque meu marido estava maltratando a mulher, que lhe fez Antonio fogo?

E' magnifica esta coarctada!

Para e um granejo a publicação do defensor de Antonio!

Largos, tomamos, — feras a tudo foi encurralado por meu marido e seus compaheiros e Antonio apenas se limitava a fuzillar a armas!!!

Parece melvil, que se queira assinalar da honra sobralho o!

Bizem agora d'os homens impoerioses se Antonio Zeweibrucker — prcedu como deveu, se apenas fructo-se a cumprir a seu dever!

Bizem a vista do que tenho exposto se fallou de defesa que elle assassinou o meu marido.

Digam se pod'a haver fãio boas intenções em quem, comprando as balas com que estava carregada a arma, d'um objecto que lhes pretendia dar, e que deu, e apenas avistado meu marido perguntava á sua mulher se devia atfrazer l'go!

D'leudo como quizem o causador do meu infortuno, mas puzem ao menos a verdade não escandalisem o homem sensu publico!

Defendam, mas não queiram encharfurar na d'flammar pessoas que por sua posição, por seus creditos, estão acima de invejas e de s'comparações com um homem perdido!

Sobre tudo não queiram chamar a comparação pelo d'oda pobresa de Antonio Zeweibrucker. Elle não é pobre, tem dinheiro bastante para pagar a quem o defende e não precisa da beneficencia de seus compaheiros!

Finalmente na publicação a que respondo atfrazem-se o testemunho do tenente-coronel Appolinario em favor do que se allega.

S'entender de pronunciar-me n'este sentido, mas devo frê-lo em honrada memoria de meu marido.

Pelo que disse meu marido antes de morrer, éo tenente-coronel Appolinario o menos competente para dar testemunho em favor de Antonio. Meu marido ficou diante de muitas testemunhas, que o Sr. Appolinario era o causador voluntario ou involuntario da sua morte.

As desintelligencias que existiam entre os dois eram bastante conhecidas, para poder explicar esta imputação.

Estou certo de que o Sr. tenente-coronel Appolinario não previa a até lamentar muito a triste consequencia que se deu n'esse cabalhe por certo alguma responsabilidade pelo facto que tomou no adiosid de que fez fãio fãio explosão.

Tenho respondido convenientemente á publicação feita contra meu marido, nem mais uma palavra direi pela imprensa, mesmo porque não é só o publico, mas especialmente o jury quem tem de julgar. Para ali me aguardo.

Porto Alegre 28 de Julho de 1869.

Scrivina Antonia da Cruz Moraes.
N. 122.

Antonio nem sua mulher, nem a morte foram feridos, brevidades, como diz o seu defensor, é que o auto de sanção declarando levas as contússões de Antonio e elle perfeitamente bom, que sua mulher não deixou de passar por toda parte e que a moça — *abrida de um braço*, como diz Sr. Koseritz, foi vista por todos dos pontos em habitar em S. João, e certo se deu largamente e não deixou de passar por toda parte!

Dize mais na publicação que Antonio atfraz e em seu cunhado para levar sua mulher que estava sendo maltratada!

Nova irritação e novo escarneo!

Na ocasião em que o assassino disparou a arma, sua mulher estava em luta com Dionisio e Appollo, e não com o meu marido, que estava aparte com outra pessoa.

Antonio gritava áquelle que deixava sua mulher, mas atfrazem sobre meu marido.

E' porque meu marido estava maltratando a mulher, que lhe fez Antonio fogo?

E' magnifica esta coarctada!

Para e um granejo a publicação do defensor de Antonio!

Largos, tomamos, — feras a tudo foi encurralado por meu marido e seus compaheiros e Antonio apenas se limitava a fuzillar a armas!!!

Parece melvil, que se queira assinalar da honra sobralho o!

Bizem agora d'os homens impoerioses se Antonio Zeweibrucker — prcedu como deveu, se apenas fructo-se a cumprir a seu dever!

Bizem a vista do que tenho exposto se fallou de defesa que elle assassinou o meu marido.

Digam se pod'a haver fãio boas intenções em quem, comprando as balas com que estava carregada a arma, d'um objecto que lhes pretendia dar, e que deu, e apenas avistado meu marido perguntava á sua mulher se devia atfrazer l'go!

D'leudo como quizem o causador do meu infortuno, mas puzem ao menos a verdade não escandalisem o homem sensu publico!

Defendam, mas não queiram encharfurar na d'flammar pessoas que por sua posição, por seus creditos, estão acima de invejas e de s'comparações com um homem perdido!

Sobre tudo não queiram chamar a comparação pelo d'oda pobresa de Antonio Zeweibrucker. Elle não é pobre, tem dinheiro bastante para pagar a quem o defende e não precisa da beneficencia de seus compaheiros!

Finalmente na publicação a que respondo atfrazem-se o testemunho do tenente-coronel Appolinario em favor do que se allega.

S'entender de pronunciar-me n'este sentido, mas devo frê-lo em honrada memoria de meu marido.

Pelo que disse meu marido antes de morrer, éo tenente-coronel Appolinario o menos competente para dar testemunho em favor de Antonio. Meu marido ficou diante de muitas testemunhas, que o Sr. Appolinario era o causador voluntario ou involuntario da sua morte.

As desintelligencias que existiam entre os dois eram bastante conhecidas, para poder explicar esta imputação.

Estou certo de que o Sr. tenente-coronel Appolinario não previa a até lamentar muito a triste consequencia que se deu n'esse cabalhe por certo alguma responsabilidade pelo facto que tomou no adiosid de que fez fãio fãio explosão.

Tenho respondido convenientemente á publicação feita contra meu marido, nem mais uma palavra direi pela imprensa, mesmo porque não é só o publico, mas especialmente o jury quem tem de julgar. Para ali me aguardo.

Porto Alegre 28 de Julho de 1869.

Scrivina Antonia da Cruz Moraes.
N. 122.

Antonio nem sua mulher, nem a morte foram feridos, brevidades, como diz o seu defensor, é que o auto de sanção declarando levas as contússões de Antonio e elle perfeitamente bom, que sua mulher não deixou de passar por toda parte e que a moça — *abrida de um braço*, como diz Sr. Koseritz, foi vista por todos dos pontos em habitar em S. João, e certo se deu largamente e não deixou de passar por toda parte!

Dize mais na publicação que Antonio atfraz e em seu cunhado para levar sua mulher que estava sendo maltratada!

Nova irritação e novo escarneo!

Na ocasião em que o assassino disparou a arma, sua mulher estava em luta com Dionisio e Appollo, e não com o meu marido, que estava aparte com outra pessoa.

Antonio gritava áquelle que deixava sua mulher, mas atfrazem sobre meu marido.

E' porque meu marido estava maltratando a mulher, que lhe fez Antonio fogo?

E' magnifica esta coarctada!

Para e um granejo a publicação do defensor de Antonio!

Largos, tomamos, — feras a tudo foi encurralado por meu marido e seus compaheiros e Antonio apenas se limitava a fuzillar a armas!!!

Parece melvil, que se queira assinalar da honra sobralho o!

Bizem agora d'os homens impoerioses se Antonio Zeweibrucker — prcedu como deveu, se apenas fructo-se a cumprir a seu dever!

Bizem a vista do que tenho exposto se fallou de defesa que elle assassinou o meu marido.

Digam se pod'a haver fãio boas intenções em quem, comprando as balas com que estava carregada a arma, d'um objecto que lhes pretendia dar, e que deu, e apenas avistado meu marido perguntava á sua mulher se devia atfrazer l'go!

D'leudo como quizem o causador do meu infortuno, mas puzem ao menos a verdade não escandalisem o homem sensu publico!

Defendam, mas não queiram encharfurar na d'flammar pessoas que por sua posição, por seus creditos, estão acima de invejas e de s'comparações com um homem perdido!

Sobre tudo não queiram chamar a comparação pelo d'oda pobresa de Antonio Zeweibrucker. Elle não é pobre, tem dinheiro bastante para pagar a quem o defende e não precisa da beneficencia de seus compaheiros!

Finalmente na publicação a que respondo atfrazem-se o testemunho do tenente-coronel Appolinario em favor do que se allega.

S'entender de pronunciar-me n'este sentido, mas devo frê-lo em honrada memoria de meu marido.

Pelo que disse meu marido antes de morrer, éo tenente-coronel Appolinario o menos competente para dar testemunho em favor de Antonio. Meu marido ficou diante de muitas testemunhas, que o Sr. Appolinario era o causador voluntario ou involuntario da sua morte.

As desintelligencias que existiam entre os dois eram bastante conhecidas, para poder explicar esta imputação.

Estou certo de que o Sr. tenente-coronel Appolinario não previa a até lamentar muito a triste consequencia que se deu n'esse cabalhe por certo alguma responsabilidade pelo facto que tomou no adiosid de que fez fãio fãio explosão.

Tenho respondido convenientemente á publicação feita contra meu marido, nem mais uma palavra direi pela imprensa, mesmo porque não é só o publico, mas especialmente o jury quem tem de julgar. Para ali me aguardo.

Porto Alegre 28 de Julho de 1869.

Scrivina Antonia da Cruz Moraes.
N. 122.

Antonio nem sua mulher, nem a morte foram feridos, brevidades, como diz o seu defensor, é que o auto de sanção declarando levas as contússões de Antonio e elle perfeitamente bom, que sua mulher não deixou de passar por toda parte e que a moça — *abrida de um braço*, como diz Sr. Koseritz, foi vista por todos dos pontos em habitar em S. João, e certo se deu largamente e não deixou de passar por toda parte!

Dize mais na publicação que Antonio atfraz e em seu cunhado para levar sua mulher que estava sendo maltratada!

Nova irritação e novo escarneo!

Na ocasião em que o assassino disparou a arma, sua mulher estava em luta com Dionisio e Appollo, e não com o meu marido, que estava aparte com outra pessoa.

Antonio gritava áquelle que deixava sua mulher, mas atfrazem sobre meu marido.

E' porque meu marido estava maltratando a mulher, que lhe fez Antonio fogo?

E' magnifica esta coarctada!

Para e um granejo a publicação do defensor de Antonio!

Largos, tomamos, — feras a tudo foi encurralado por meu marido e seus compaheiros e Antonio apenas se limitava a fuzillar a armas!!!

Parece melvil, que se queira assinalar da honra sobralho o!

Bizem agora d'os homens impoerioses se Antonio Zeweibrucker — prcedu como deveu, se apenas fructo-se a cumprir a seu dever!

Bizem a vista do que tenho exposto se fallou de defesa que elle assassinou o meu marido.

Digam se pod'a haver fãio boas intenções em quem, comprando as balas com que estava carregada a arma, d'um objecto que lhes pretendia dar, e que deu, e apenas avistado meu marido perguntava á sua mulher se devia atfrazer l'go!

D'leudo como quizem o causador do meu infortuno, mas puzem ao menos a verdade não escandalisem o homem sensu publico!

Defendam, mas não queiram encharfurar na d'flammar pessoas que por sua posição, por seus creditos, estão acima de invejas e de s'comparações com um homem perdido!

Sobre tudo não queiram chamar a comparação pelo d'oda pobresa de Antonio Zeweibrucker. Elle não é pobre, tem dinheiro bastante para pagar a quem o defende e não precisa da beneficencia de seus compaheiros!

Finalmente na publicação a que respondo atfrazem-se o testemunho do tenente-coronel Appolinario em favor do que se allega.

S'entender de pronunciar-me n'este sentido, mas devo frê-lo em honrada memoria de meu marido.

Pelo que disse meu marido antes de morrer, éo tenente-coronel Appolinario o menos competente para dar testemunho em favor de Antonio. Meu marido ficou diante de muitas testemunhas, que o Sr. Appolinario era o causador voluntario ou involuntario da sua morte.

As desintelligencias que existiam entre os dois eram bastante conhecidas, para poder explicar esta imputação.

Estou certo de que o Sr. tenente-coronel Appolinario não previa a até lamentar muito a triste consequencia que se deu n'esse cabalhe por certo alguma responsabilidade pelo facto que tomou no adiosid de que fez fãio fãio explosão.

Tenho respondido convenientemente á publicação feita contra meu marido, nem mais uma palavra direi pela imprensa, mesmo porque não é só o publico, mas especialmente o jury quem tem de julgar. Para ali me aguardo.

Porto Alegre 28 de Julho de 1869.

Scrivina Antonia da Cruz Moraes.
N. 122.

Antonio nem sua mulher, nem a morte foram feridos, brevidades, como diz o seu defensor, é que o auto de sanção declarando levas as contússões de Antonio e elle perfeitamente bom, que sua mulher não deixou de passar por toda parte e que a moça — *abrida de um braço*, como diz Sr. Koseritz, foi vista por todos dos pontos em habitar em S. João, e certo se deu largamente e não deixou de passar por toda parte!

Dize mais na publicação que Antonio atfraz e em seu cunhado para levar sua mulher que estava sendo maltratada!

Nova irritação e novo escarneo!

Na ocasião em que o assassino disparou a arma, sua mulher estava em luta com Dionisio e Appollo, e não com o meu marido, que estava aparte com outra pessoa.

Antonio gritava áquelle que deixava sua mulher, mas atfrazem sobre meu marido.

E' porque meu marido estava maltratando a mulher, que lhe fez Antonio fogo?

E' magnifica esta coarctada!

Para e um granejo a publicação do defensor de Antonio!

Largos, tomamos, — feras a tudo foi encurralado por meu marido e seus compaheiros e Antonio apenas se limitava a fuzillar a armas!!!

Parece melvil, que se queira assinalar da honra sobralho o!

Bizem agora d'os homens impoerioses se Antonio Zeweibrucker — prcedu como deveu, se apenas fructo-se a cumprir a seu dever!

Bizem a vista do que tenho exposto se fallou de defesa que elle assassinou o meu marido.

Digam se pod'a haver fãio boas intenções em quem, comprando as balas com que estava carregada a arma, d'um objecto que lhes pretendia dar, e que deu, e apenas avistado meu marido perguntava á sua mulher se devia atfrazer l'go!

D'leudo como quizem o causador do meu infortuno, mas puzem ao menos a verdade não escandalisem o homem sensu publico!

Defendam, mas não queiram encharfurar na d'flammar pessoas que por sua posição, por seus creditos, estão acima de invejas e de s'comparações com um homem perdido!

Sobre tudo não queiram chamar a comparação pelo d'oda pobresa de Antonio Zeweibrucker. Elle não é pobre, tem dinheiro bastante para pagar a quem o defende e não precisa da beneficencia de seus compaheiros!

Finalmente na publicação a que respondo atfrazem-se o testemunho do tenente-coronel Appolinario em favor do que se allega.

S'entender de pronunciar-me n'este sentido, mas devo frê-lo em honrada memoria de meu marido.

Pelo que disse meu marido antes de morrer, éo tenente-coronel Appolinario o menos competente para dar testemunho em favor de Antonio. Meu marido ficou diante de muitas testemunhas, que o Sr. Appolinario era o causador voluntario ou involuntario da sua morte.

As desintelligencias que existiam entre os dois eram bastante conhecidas, para poder explicar esta imputação.

Estou certo de que o Sr. tenente-coronel Appolinario não previa a até lamentar muito a triste consequencia que se deu n'esse cabalhe por certo alguma responsabilidade pelo facto que tomou no adiosid de que fez fãio fãio explosão.

Tenho respondido convenientemente á publicação feita contra meu marido, nem mais uma palavra direi pela imprensa, mesmo porque não é só o publico, mas especialmente o jury quem tem de julgar. Para ali me aguardo.

Porto Alegre 28 de Julho de 1869.

Scrivina Antonia da Cruz Moraes.
N. 122.

Antonio nem sua mulher, nem a morte foram feridos, brevidades, como diz o seu defensor, é que o auto de sanção declarando levas as contússões de Antonio e elle perfeitamente bom, que sua mulher não deixou de passar por toda parte e que a moça — *abrida de um braço*, como diz Sr. Koseritz, foi vista por todos dos pontos em habitar em S. João, e certo se deu largamente e não deixou de passar por toda parte!

Dize mais na publicação que Antonio atfraz e em seu cunhado para levar sua mulher que estava sendo maltratada!

Nova irritação e novo escarneo!

Na ocasião em que o assassino disparou a arma, sua mulher estava em luta com Dionisio e Appollo, e não com o meu marido, que estava aparte com outra pessoa.

Antonio gritava áquelle que deixava sua mulher, mas atfrazem sobre meu marido.

E' porque meu marido estava maltratando a mulher, que lhe fez Antonio fogo?

E' magnifica esta coarctada!

Para e um granejo a publicação do defensor de Antonio!

Largos, tomamos, — feras a tudo foi encurralado por meu marido e seus compaheiros e Antonio apenas se limitava a fuzillar a armas!!!

Parece melvil, que se queira assinalar da honra sobralho o!

Bizem agora d'os homens impoerioses se Antonio Zeweibrucker — prcedu como deveu, se apenas fructo-se a cumprir a seu dever!

Bizem a vista do que tenho exposto se fallou de defesa que elle assassinou o meu marido.

Digam se pod'a haver fãio boas intenções em quem, comprando as balas com que estava carregada a arma, d'um objecto que lhes pretendia dar, e que deu, e apenas avistado meu marido perguntava á sua mulher se devia atfrazer l'go!

D'leudo como quizem o causador do meu infortuno, mas puzem ao menos a verdade não escandalisem o homem sensu publico!

Defendam, mas não queiram encharfurar na d'flammar pessoas que por sua posição, por seus creditos, estão acima de invejas e de s'comparações com um homem perdido!

Sobre tudo não queiram chamar a comparação pelo d'oda pobresa de Antonio Zeweibrucker. Elle não é pobre, tem dinheiro bastante para pagar a quem o defende e não precisa da beneficencia de seus compaheiros!

Finalmente na publicação a que respondo atfrazem-se o testemunho do tenente-coronel Appolinario em favor do que se allega.

S'entender de pronunciar-me n'este sentido, mas devo frê-lo em honrada memoria de meu marido.

Pelo que disse meu marido antes de morrer, éo tenente-coronel Appolinario o menos competente para dar testemunho em favor de Antonio. Meu marido ficou diante de muitas testemunhas, que o Sr. Appolinario era o causador voluntario ou involuntario da sua morte.

As desintelligencias que existiam entre os dois eram bastante conhecidas, para poder explicar esta imputação.

Estou certo de que o Sr. tenente-coronel Appolinario não previa a até lamentar muito a triste consequencia que se deu n'esse cabalhe por certo alguma responsabilidade pelo facto que tomou no adiosid de que fez fãio fãio explosão.

Tenho respondido convenientemente á publicação feita contra meu marido, nem mais uma palavra direi pela imprensa, mesmo porque não é só o publico, mas especialmente o jury quem tem de julgar. Para ali me aguardo.

Porto Alegre 28 de Julho de 1869.

Scrivina Antonia da Cruz Moraes.
N. 122.

Antonio nem sua mulher, nem a morte foram feridos, brevidades, como diz o seu defensor, é que o auto de sanção declarando levas as contússões de Antonio e elle perfeitamente bom, que sua mulher não deixou de passar por toda parte e que a moça — *abrida de um braço*, como diz Sr. Koseritz, foi vista por todos dos pontos em habitar em S. João, e certo se deu largamente e não deixou de passar por toda parte!

Dize mais na publicação que Antonio atfraz e em seu cunhado para levar sua mulher que estava sendo maltratada!

Nova irritação e novo escarneo!

Na ocasião em que o assassino disparou a arma, sua mulher estava em luta com Dionisio e Appollo, e não com o meu marido, que estava aparte com outra pessoa.

Antonio gritava áquelle que deixava sua mulher, mas atfrazem sobre meu marido.

E' porque meu marido estava maltratando a mulher, que lhe fez Antonio fogo?

E' magnifica esta coarctada!

Para e um granejo a publicação do defensor de Antonio!

Largos, tomamos, — feras a tudo foi encurralado por meu marido e seus compaheiros e Antonio apenas se limitava a fuzillar a armas!!!

Parece melvil, que se queira assinalar da honra sobralho o!

Bizem agora d'os homens impoerioses se Antonio Zeweibrucker — prcedu como deveu, se apenas fructo-se a cumprir a seu dever!

Bizem a vista do que tenho exposto se fallou de defesa que elle assassinou o meu marido.

Digam se pod'a haver fãio boas intenções em quem, comprando as balas com que estava carregada a arma, d'um objecto que lhes pretendia dar, e que deu, e apenas avistado meu marido perguntava á sua mulher se devia atfrazer l'go!

D'leudo como quizem o causador do meu infortuno, mas puzem ao menos a verdade não escandalisem o homem sensu publico!

Defendam, mas não queiram encharfurar na d'flammar pessoas que por sua posição, por seus creditos, estão acima de invejas e de s'comparações com um homem perdido!

Sobre tudo não queiram chamar a comparação pelo d'oda pobresa de Antonio Zeweibrucker. Elle não é pobre, tem dinheiro bastante para pagar a quem o defende e não precisa da beneficencia de seus compaheiros!

Finalmente na publicação a que respondo atfrazem-se o testemunho do tenente-coronel Appolinario em favor do que se allega.

S'entender de pronunciar-me n'este sentido, mas devo frê-lo em honrada memoria de meu marido.

Pelo que disse meu marido antes de morrer, éo tenente-coronel Appolinario o menos competente para dar testemunho em favor de Antonio. Meu marido ficou diante de muitas testemunhas, que o Sr. Appolinario era o causador voluntario ou involuntario da sua morte.

As desintelligencias que existiam entre os dois eram bastante conhecidas, para poder explicar esta imputação.

Estou certo de que o Sr. tenente-coronel Appolinario não previa a até lamentar muito a triste consequencia que se deu n'esse cabalhe por certo alguma responsabilidade pelo facto que tomou no adiosid de que fez fãio fãio explosão.

Tenho respondido convenientemente á publicação feita contra meu marido, nem mais uma palavra direi pela imprensa, mesmo porque não é só o publico, mas especialmente o jury quem tem de julgar. Para ali me aguardo.

Porto Alegre 28 de Julho de 1869.

Scrivina Antonia da Cruz Moraes.
N. 122.

Antonio nem sua mulher, nem a morte foram feridos, brevidades, como diz o seu defensor, é que o auto de sanção declarando levas as contússões de Antonio e elle perfeitamente bom, que sua mulher não deixou de passar por toda parte e que a moça — *abrida de um braço*, como diz Sr. Koseritz, foi vista por todos dos pontos em habitar em S. João, e certo se deu largamente e não deixou de passar por toda parte!

Dize mais na publicação que Antonio atfraz e em seu cunhado para levar sua mulher que estava sendo maltratada!

Nova irritação e novo escarneo!

Na ocasião em que o assassino disparou a arma, sua mulher estava em luta com Dionisio e Appollo, e não com o meu marido, que estava aparte com outra pessoa.

Antonio gritava áquelle que deixava sua mulher, mas atfrazem sobre meu marido.

E' porque meu marido estava maltratando a mulher, que lhe fez Antonio fogo?

E' magnifica esta coarctada!

Para e um granejo a publicação do defensor de Antonio!

Largos, tomamos, — feras a tudo foi encurralado por meu marido e seus compaheiros e Antonio apenas se limitava a fuzillar a armas!!!

Parece melvil, que se queira assinalar da honra sobralho o!

Bizem agora d'os homens impoerioses se Antonio Zeweibrucker — prcedu como deveu, se apenas fructo-se a cumprir a seu dever!

Bizem a vista do que tenho exposto se fallou de defesa que elle assassinou o meu marido.

Digam se pod'a haver fãio boas intenções em quem, comprando as balas com que estava carregada a arma, d'um objecto que lhes pretendia dar, e que deu, e apenas avistado meu marido perguntava á sua mulher se devia atfrazer l'go!

D'leudo como quizem o causador do meu infortuno, mas puzem ao menos a verdade não escandalisem o homem sensu publico!

Defendam, mas não queiram encharfurar na d'flammar pessoas que por sua posição, por seus creditos, estão acima de invejas e de s'comparações com um homem perdido!

Sobre tudo não queiram chamar a comparação pelo d'oda pobresa de Antonio Zeweibrucker. Elle não é pobre, tem dinheiro bastante para pagar a quem o defende e não precisa da beneficencia de seus compaheiros!

Finalmente na publicação a que respondo atfrazem-se o testemunho do tenente-coronel Appolinario em favor do que se allega.

S'entender de pronunciar-me n'este sentido, mas devo frê-lo em honrada memoria de meu marido.

Pelo que disse meu marido antes de morrer, éo tenente-coronel Appolinario o menos competente para dar testemunho em favor de Antonio. Meu marido ficou diante de muitas testemunhas, que o Sr. Appolinario era o causador voluntario ou involuntario da sua morte.

As desintelligencias que existiam entre os dois eram bastante conhecidas, para poder explicar esta imputação.

Estou certo de que o Sr. tenente-coronel Appolinario não previa a até lamentar muito a triste consequencia que se deu n'esse cabalhe por certo alguma responsabilidade pelo facto que tomou no adiosid de que fez fãio fãio explosão.

Tenho respondido convenientemente á publicação feita contra meu marido, nem mais uma palavra direi pela imprensa, mesmo porque não é só o publico, mas especialmente o jury quem tem de julgar. Para ali me aguardo.

Porto Alegre 28 de Julho de 1869.

Scrivina Antonia da Cruz Moraes.
N. 122.

Antonio nem sua mulher, nem a morte foram feridos, brevidades, como diz o seu defensor, é que o auto de sanção declarando levas as contússões de Antonio e elle perfeitamente bom, que sua mulher não deixou de passar por toda parte e que a moça — *abrida de um braço*, como diz Sr. Koseritz, foi vista por todos dos pontos em habitar em S. João, e certo se deu largamente e não deixou de passar por toda parte!

Dize mais na publicação que Antonio atfraz e em seu cunhado para levar sua mulher que estava sendo maltratada!

Nova irritação e novo escarneo!

Na ocasião em que o assassino disparou a arma, sua mulher estava em luta com Dionisio e Appollo, e não com o meu marido, que estava aparte com outra pessoa.

Antonio gritava áquelle que deixava sua mulher, mas atfrazem sobre meu marido.

E' porque meu marido estava maltratando a mulher, que lhe fez Antonio fogo?

E' magnifica esta coarctada!

Para e um granejo a publicação do defensor de Antonio!

Largos, tomamos, — feras a tudo foi encurralado por meu marido e seus compaheiros e Antonio apenas se limitava a fuzillar a armas!!!

Parece melvil, que se queira assinalar da honra sobralho o!

Bizem agora d'os homens impoerioses se Antonio Zeweibrucker — prcedu como deveu, se apenas fructo-se a cumprir a seu dever!

Bizem a vista do que tenho exposto se fallou de defesa que elle assassinou o meu marido.

Digam se pod'a haver fãio boas intenções em quem, comprando as balas com que estava carregada a arma, d'um objecto que lhes pretendia dar, e que deu, e apenas avistado meu marido perguntava á sua mulher se devia atfrazer l'go!

D'leudo como quizem o causador do meu infortuno, mas puzem ao menos a verdade não escandalisem o homem sensu publico!

Defendam, mas não queiram encharfurar na d'flammar pessoas que por sua posição, por seus creditos, estão acima de invejas e de s'comparações com um homem perdido!

Sobre tudo não queiram chamar a comparação pelo d'oda pobresa de Antonio Zeweibrucker. Elle não é pobre, tem dinheiro bastante para pagar a quem o defende e não precisa da beneficencia de seus compaheiros!

Finalmente na publicação a que respondo atfrazem-se o testemunho do tenente-coronel Appolinario em favor do que se allega.

S'entender de pronunciar-me n'este sentido, mas devo frê-lo em honrada memoria de meu marido.

Pelo que disse meu marido antes de morrer, éo tenente-coronel Appolinario o menos competente para dar testemunho em favor de Antonio. Meu marido ficou diante de muitas testemunhas, que o Sr. Appolinario era o causador voluntario ou involuntario da sua morte.

As desintelligencias que existiam entre os dois eram bastante conhecidas, para poder explicar esta imputação.

Estou certo de que o Sr. tenente-coronel Appolinario não previa a até lamentar muito a triste consequencia que se deu n'esse cabalhe por certo alguma responsabilidade pelo facto que tomou no adiosid de que fez fãio fãio explosão.

Tenho respondido convenientemente á publicação feita contra meu marido, nem mais uma palavra direi pela imprensa, mesmo porque não é só o publico, mas especialmente o jury quem tem de julgar. Para ali me aguardo.

Porto Alegre 28 de Julho de 1869.

Scrivina Antonia da Cruz Moraes.
N. 122.

her, nem a moça
s, como diz o seu
e san dade decla-
e Antonio e ell-
sua mulher não
da parte e que a
brago, como d'zo
cos dias depois
to, divertindo-se
de passear por
ação que Anto-
ado para levar
do matirada!
carneo!
passimo dispa-
estava em lucta
não com o men-
rte com outro
les que deixas-
sem sobre men-
do estava mal-
e fez Antonio
ada l
blicação do de-
aras a tudo fo-
o e seus com-
as se limitava
queira assia-
io!!
mens imparci-
er—pr cedu
tou-se a cum-
ão exposto se-
simou o meu
ão boas inten-
as balas com
a, d'zia o des-
e que den, e
ido pergunt-
titir legi!
o causador
upem ao me-
alixem o bom
piram encha-
s que por sua
estão acima
ções com um
hamar a com-
a de Antonio
é pobre, tem
ga a quem o
beneficencia
ão a que res-
ho do bene-
favor do que
na n'este sen-
onrada me-
rido antes de
l Appolinario
dar testem-
Mue marido
testemunhas,
o causador
rio da sua
existiam en-
conhae das

BARRA.

Nas quintas-feiras ás 8 horas da ma-
nhã, regressa no mesmo dia as 3 horas
da tarde.

Porto Alegre 21 de Julho de 1868.

O gerente,

Silva Dutra.

N. 66 — 30 de Dezembro.



PORTO.

Para o Porto, carregando no Rio Grande a
veloz e barca portugueza **MINERVA** recebe
carga a frete, e passageiros para os quees
tem excellentes commod's e bom trata-
mento: para tratar n'esta cidade com Bastos
& Monteiro, e no Rio Grande com os Srs.
Corrêa Leite & Comp.

Porto Alegre 21 de Julho de 1869.

N. 100. — 15.—7

Annuncios.

Entregador

Nesta typographia, precisa-
se de um entregador que sa-
ha ler. N. 121

Companhia Jacuhy.

O gerente da Companhia Jacuhy convida
aos Srs. accionistas, para no dia 16 do fu-
turo, receberem no escriptorio da mesma
companhia o 13.º dividendo de 4 000 por
acção: das 9 ás 3 horas da tarde.

Porto Alegre 30 de Julho de 1869.

O Gerente,

Silva Dutra.

N. 125.

Companhia Jacuhy.

Por ordem da directoria da Companhia
Jacuhy, esta gerencia faz publico que em
virtude da alta em preço do combustivel e
dos generos de consumo dos vapores, que de
1.º de Agosto proximo futuro as passagens
para os portos abaixo mencionados, serão
cobrados na seguinte rasão:

Santa-Cruz, Charqueadas, Triumpho e São
Jeronymo.

Ré.	Convez.
5,000	2,500

BARRA.

Ré.	Convez.
4 000	2,000

Porto Alegre 30 de Julho de 1869.

N. 124.

JOÃO DE DEUS SIQUEIRA S. C.

(NOVA LOJA)

RUA DE BRAGANÇA N. 25.

Receberam:

Riquisimas travessas doiradas enfeitadas
para coques, o que ha de mais moderno.
Botinas de cores, enfeitadas, gaspeadas e
pretas.
Fitas de setim e de nobreza de cores.
Flores artificiaes muito finas, em ramos.
Inviziveis para coques e coques modernos.
Pós de arroz em caixas e em pacotes.
Caixas com extractos em pesa, damasco e

THEATRO

S. PEDRO.

EMPRESA CABRAL.

Dirigida e ensaiada pelo artista

BARBOZA

DOMINGO 4.º DE AGOSTO DE 1869.

Entram em scena a 1.ª e distincta ac-
triz dramatica

ANTONINA MARQUELOU.

e a prima dona

AUGUSTA CANDIANI.

Representar-se-ha a linda comedia-dra-
ma em 2 actos, original portuguez de F. J.
da Costa Braga, representada em Lisboa e
Rio de Janeiro com grande accitação, inti-
tulada:

O QUE SÃO AS RIQUEZAS?!!

PERSONAGENS.

Conselheiro J. Fernandes	Araujo.
Francisco da Costa, guarda- livros	Cabral Junior.
Augusto Mello, ajudante de ordens	Alfredo.
Morgado do Freixal	Velloso.
Lopes Litterato	Barbosa.
Mendonça, agiota	Luiz.
Abreu, seu socio	Gervão.
Um convidado	Lopes.
D. Maria Fernandes	Mm. A. Candiani.
D. Emilia, sua filha	A. Marquelou.
D. Eugenia	M. Augusta.
D. Romana	M. Amalia.
D. Guimar	M. Angelica.
Baroneza de Minas	Joaquina.
Uma convidada	Mlle. Argeline.

Um criado e convidados; acção em Lis-
boa, na actualidade.

Seguir-se-ha a muito interessante come-
dia drama em 2 actos, original portuguez
de C. C. d'Alcantara Chaves, representada
em Lisboa e Rio de Janeiro com geral accei-
tação, intitulada:

O FERRO VELHO.

PERSONAGENS.

João Francisco, o ferro velho	Barbosa.
Barão de Maceira	Magalhães.
Francisco Innocencio	Velloso.
Luiz de Mello	Alfredo.
Jorge de Mello	Luiz.
Julia, costureira	D. M. Angelica.
Maria, filha de João	M. Augusta.
Uma viuva	Joaquina.
Um gaiato	Gervão.
Um criado	Lopes.

A acção em Lisboa, na actualidade.

Pelo Sr. Luiz Mayrink e Mlle. Julieta
Argeline o muito interessante dueto-comico
ornado de canto, intitulado:

QUINQUIM E SINIA' ROSA.

Terminará o espectáculo com a muito es-
piritosa comedia em um acto, original de
um estudante de Coimbra, intitulada:

Morrer para ter dinheiro.

Os srs. assignantes tem direito aos seus
camarotes até hoje sabado ao meio dia.

Começará ás 8 horas.

N. 123.